

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS
ÁREA DAS HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALESSANDRA DE MARCO

DISLEXIA NO ÂMBITO ESCOLAR E A ALFABETIZAÇÃO

BENTO GONÇALVES

2020

ALESSANDRA DE MARCO

DISLEXIA NO ÂMBITO ESCOLAR E A ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito final para o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Terciane Ângela Luchese

BENTO GONÇALVES

2020

ALESSANDRA DE MARCO

DISLEXIA NO ÂMBITO ESCOLAR E A ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada como requisito final para o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, Campus Universitário da Região dos Vinhedos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Terciane Ângela Luchese

Aprovado (a) em

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof^a Ms. Sílvia Hauser Farina
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof^a Dr^a. Maristela Pedrini
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Dedico esta monografia a todos os professores que influenciaram a minha trajetória acadêmica. Aos docentes que me inspiram pelo profissionalismo e essência que transmitem no ato de educar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela saúde e pela minha família. Agradeço aos meus pais por todo carinho, amor, apoio, incentivo para ingressar no ensino superior, pela motivação nas horas difíceis e pela ajuda financeira para a realização desse sonho. Eles são o alicerce para as minhas realizações. Como também, minha irmã Cátia e meus irmãos Jovani e Mateus pela amizade e atenção nos momentos que precisei.

Agradeço a todos os professores da minha trajetória acadêmica, muitos saberes foram construídos ao longo das aulas, que contribuíram e serviram de suporte para o desenvolvimento deste trabalho.

Dedico um agradecimento especial à minha orientadora professora Dr^a. Terciane Ângela Luchese pela ajuda e incentivo, por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar. Admiro muito o seu profissionalismo e sensibilidade com as pessoas. Sou grata pela oportunidade de ter uma orientadora com tanto conhecimento. Agradeço também às professoras Maristela e Sílvia por todos os ensinamentos e pela disponibilidade em participar da banca.

Sou imensamente feliz por conviver com pessoas especiais... Gratidão é a palavra que define este momento. Gratidão à todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho de conclusão de curso. Gratidão por pessoas especiais fazerem parte da minha vida ou terem cruzado meu caminho. Gratidão pelas oportunidades. Gratidão pela vida.

RESUMO

O presente trabalho trata da dislexia no âmbito escolar e a alfabetização. Seu objetivo é investigar a importância de desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem adequadas para promover a aprendizagem de estudantes com dislexia no processo de alfabetização. A busca por respostas formou-se a partir da seguinte problemática: Qual é a importância de desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem adequadas para promover a aprendizagem de estudantes com dislexia no processo de alfabetização? Dificuldades ou transtornos de aprendizagem são termos usados para referir-se a condições neurológicas que abrangem uma incapacidade de aprendizagem na leitura, escrita ou matemática em pessoas que apresentam nível de aprendizado abaixo do esperado para o seu grau de desenvolvimento (SMITH; STRICK, 2001). Os tipos mais comuns são: disgrafia, disortografia, dislexia, discalculia e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Com o intuito de aprofundar a pesquisa sobre dificuldades de aprendizagem, transcorreu a iniciativa de pesquisar a dislexia. Para a realização da investigação, o primeiro passo foi uma pesquisa bibliográfica baseada em livros e artigos científicos, os quais demonstram interesse e grande importância para o tema. Os principais autores utilizados para a fundamentação teórica foram Muszkat e Rizzutti (2012), Smith e Strick (2001), Ellis (1995), Fagundes (2002), Coelho (s/d), Soares (2004), Nóvoa (2007), entre outros. Por fim, metodologicamente, esta pesquisa qualitativa configura-se em um estudo de caso desenvolvido a partir de uma pesquisa com questionário direcionado a professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal de Cotiporã. Como resultado da pesquisa, pode-se afirmar que a criança disléxica sendo motivada, acolhida e com planejamentos didáticos específicos que englobam diferentes estratégias de ensino, as quais valorizam a sua necessidade e individualidade, proporcionam resultados positivos e uma educação de qualidade, dessa maneira, despertando o desejo pelo saber. Além disso, podemos concluir que a falta da participação da família é um fator que interfere negativamente na aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. Também concluímos que a alfabetização é uma fase delicada para os disléxicos, sendo fundamental para eles o convívio com professores e familiares com valores como empatia, amor e respeito. A criança, ao sentir-se compreendida, dá um importante passo para a evolução do seu aprendizado. Outra conclusão importante da pesquisa é a relevância de planejamentos envolvendo atividades lúdicas para crianças com dislexia e outras dificuldades de aprendizagem. Assim, os alunos aprendem de uma forma prazerosa, sem dar-se conta de que estão construindo saberes e se alfabetizando.

Palavras-chave: Dislexia. Alfabetização. Professor. Aluno. Ensino e aprendizagem.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento educacional especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
DA	Dificuldades de aprendizagem
NJCLD	National Joint Committee of Learning Disabilities
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema síntese – Disgrafia	18
Figura 2 – Esquema síntese – Disortografia	20
Figura 3 – Esquema síntese – Discalculia	22
Figura 4 – Esquema síntese – Transtorno de Déficit de Atenção	24
Figura 5 – Esquema síntese – Dislexia	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, CONTEXTUALIZANDO O TEMA.....	14
2.1 Disgrafia	16
2.2 Disortografia.....	18
2.3 Discalculia	21
2.5 Dislexia	24
3. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DA DISLEXIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	29
3.1 Análise dos resultados apresentados nos questionários	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	45

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por finalidade apresentar o estudo da temática “Dislexia no âmbito escolar e a alfabetização” e o objetivo geral da pesquisa é “investigar a importância de desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem adequadas para promover a aprendizagem de estudantes com dislexia no processo de alfabetização”.

A escola é um espaço que abrange um conjunto de saberes, experiências prévias e diferentes percepções sobre o mundo, local onde a diversidade de pessoas e histórias de vida se cruzam. A sala de aula é uma riqueza para pensar a diversidade do ser humano, mas é um desafio quando se trata do planejamento e organização de práticas pedagógicas que sejam adequadas e coerentes, com o intuito de oferecer oportunidades de construção de saberes e conhecimentos para todos os estudantes. Mediante este desafio, é preciso, ainda, que o professor esteja atento àqueles estudantes que apresentam dificuldades a fim de oferecer o suporte necessário para o efetivo aprendizado.

Dificuldades ou transtornos de aprendizagem¹ é um termo usado para se referir a uma incapacidade de aprendizagem na leitura, escrita ou matemática em pessoas que apresentam nível de aprendizado abaixo do esperado para o seu grau de desenvolvimento (SMITH; STRICK, 2001). Os tipos mais comuns de dificuldades de aprendizagem são: dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia, TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade).

Com o intuito de aprofundar a pesquisa sobre dificuldades de aprendizagem, transcorreu a iniciativa de pesquisar e estudar a dislexia, conhecida como transtorno da leitura.

Levando em conta a curiosidade, a pesquisa enfatiza como planejamentos didáticos bem elaborados e adaptados influenciam positivamente na aprendizagem do indivíduo com transtorno de leitura na fase da alfabetização. Nesse momento, é fundamental e indispensável um bom professor para conduzir e incentivar o educando a superar seus desafios. De acordo com Negrão:

¹ Encontra-se diferenças entre algumas bibliografias, alguns autores referem-se à dificuldade de aprendizagem e outros como transtorno de aprendizagem. Neste estudo, utiliza-se como sinônimos dificuldades e transtornos.

A atuação deste professor perante a dislexia deve ser a de facilitador, é preciso mover forças e recursos, a fim de proporcionar aos educandos, uma oportunidade de desenvolvimento de suas habilidades, fazendo com que os mesmos alcancem a tão almejada aprendizagem significativa, dando a estes alunos a chance de serem pessoas felizes, mesmo com esta dificuldade inserida em sua vida. (NEGRÃO, s/d, s/p).

Constatou-se, portanto, que há a necessidade de aprofundar e entender aspectos relacionados à dislexia, por ser um tema ligado à educação, o qual os professores precisam ter conhecimento, pelo fato de ser um assunto que está presente cotidianamente nas salas de aula. Pensando na condição de ensino e aprendizagem, os docentes devem estar preparados e abertos para lidar com as diferenças.

A presente pesquisa tem como problemática o seguinte questionamento: “Qual é a importância de desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem adequadas para promover a aprendizagem de estudantes com dislexia no processo de alfabetização?”. A partir disso, investigamos qual é o efeito que causa nas crianças um planejamento com atividades significativas e adequadas diante de alunos com dislexia.

O estudo fundamenta-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) conhecer as dificuldades de aprendizagem e conceituá-las;
- b) teorizar sobre a dificuldade de aprendizagem - dislexia;
- c) pesquisar como aprende um indivíduo com dislexia, em especial na etapa da alfabetização;
- d) conhecer as dificuldades de uma criança disléxica;
- e) verificar como pode ser a ação do professor como mediador no processo de construção do conhecimento do aluno(a) com dislexia em processo de alfabetização;
- f) investigar intervenções de docentes diante de alunos com dislexia na fase da alfabetização em uma escola na Serra Gaúcha e
- g) descobrir as dificuldades do cotidiano dos professores de uma determinada escola perante as dificuldades de aprendizagem presentes na sala de aula.

Esta pesquisa configura-se como qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994) apud Teixeira (2015, p.12), esse modelo de estudo “atribui-se a importância à interpretação, à realidade, ao contexto e à visão de mundo dos sujeitos envolvidos na

pesquisa de forma mais fiel possível”. Autores como Chueke e Lima complementam que

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo; consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, entrevistas, fotografias. (CHUEKE; LIMA, 2012, p. 64).

Para a realização da investigação, o primeiro passo foi uma pesquisa bibliográfica baseada em livros e artigos científicos, os quais demonstram interesse e grande importância do conhecimento do presente tema. Apesar da seleção inicial de algumas obras impressas, a monografia foi elaborada com uma maioria de autores de artigos disponíveis on-line, em virtude da pandemia. Os principais autores utilizados para a fundamentação teórica foram, Muszkat e Rizzutti (2012), Smith e Strick (2001), Ellis (1995), Fagundes (2002), Coelho(s/d), Soares (2004), Nóvoa (2007), entre outros.

Por fim, metodologicamente, esta pesquisa configura-se em um estudo de caso. Yin (2015, p.18) afirma que, “a pesquisa estudo de caso compreende um método abrangente - cobrindo a lógica do projeto, as técnicas de coleta de dados e as abordagens específicas à análise de dados”. O método estudo de caso qualitativo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa com questionário, conforme situado no apêndice, é direcionado a professoras alfabetizadoras de uma escola da rede municipal de Cotiporã, com o intuito de analisar os resultados para obter respostas acerca da problematização deste projeto de pesquisa. Refletindo a educação como um fator importante, a pesquisa será apresentada com base na análise dos questionários e em material já estruturado, produzido principalmente a partir de referências como livros e artigos científicos para o estudo e reflexão do tema.

A monografia estrutura-se em quatro capítulos, apresentando-se no primeiro a introdução, no qual se fazem presentes os objetivos, problema de pesquisa, metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo, como também conta com uma descrição geral sobre o assunto e a importância que essa pesquisa possui para a ampliação do conhecimento sobre o tema.

No segundo capítulo, intitulado “As dificuldades de aprendizagem, contextualizando o tema”, são abordadas, de forma breve, as dificuldades de aprendizagem que são mais comuns nas escolas, trazendo conceitos e uma atenção

especial aos sinais manifestados pelos alunos. O capítulo conta com estudo mais aprofundado sobre o tema dislexia, sendo este o principal foco da pesquisa.

No terceiro capítulo, “O papel do professor diante da dislexia no processo de alfabetização e letramento”, aborda-se a relevância que o docente possui no processo de ensino e aprendizagem, assim como, a importância de desenvolver atividades adequadas para cada aluno de acordo com a sua necessidade. O capítulo ainda caracteriza-se pelo estudo de caso, contendo a análise dos questionários realizados, que tem por finalidade compreender como as professoras agem perante um diagnóstico de dislexia ou outras dificuldades de aprendizagem, que apoios possuem, e como promovem a aprendizagem para estes estudantes, assim como, as dificuldades presentes em torno deste processo.

Para fechamento da monografia, o quarto capítulo expõe as considerações finais e apresenta conclusões relevantes acerca do assunto abordado. Para o professor que atua na sala de aula, é fundamental conhecer e considerar as dificuldades de aprendizagem, estando atento ao cotidiano e aos estudantes para que seu planejamento e atuação considere a diversidade de situações entre os discentes.

2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, CONTEXTUALIZANDO O TEMA

Este capítulo realiza o levantamento de diferentes conceitos em relação ao tema, o mesmo abrange a definição e pontos importantes para o conhecimento de algumas dificuldades de aprendizagem, dentre elas: disgrafia, disortografia, discalculia, dislexia e TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade), as quais são as mais comuns nas escolas. O intuito é contextualizar as dificuldades de aprendizagem, com maior ênfase na dislexia.

O processo de aprendizagem do ser humano começa desde o nascimento, pensando no ingresso escolar há um anseio por parte da gestão, professores, pais e crianças em relação ao desenvolvimento e aquisição do conhecimento, muitas vezes não acontece como o esperado por diversos motivos que podem dificultar esse processo.

Segundo Lyra (s/d, p.11) “Muitas crianças aprenderão a ler e escrever sem grandes dificuldades, no entanto outros para obter sucesso precisarão de alguma ajuda especial”. O termo dificuldades de aprendizagem não possui um único conceito, diferentes autores apresentam ideias que definem essa expressão. De acordo com Lyra:

As dificuldades de aprendizagens são difíceis de defini-las, pois formam um grupo heterogêneo, podem ser categorizadas, como transitórias ou permanentes sendo que podem ocorrer em qualquer momento no processo de ensino aprendizagem e correspondem a déficits funcionais superiores como linguagem, percepção, raciocínio lógico, cognição, atenção e afetividade. (LYRA, s/d, p.11).

Dificuldades de aprendizagem, então, podem ser transitórias ou permanentes como afirma Lyra (s/d). Elas envolvem um amplo leque de problemas que afetam a aprendizagem e conforme Smith e Strick:

O termo dificuldades de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa: muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral, e os problemas psicológicos dessas crianças frequentemente são complicados, até certo ponto, por seus ambientes doméstico e escolar. (SMITH; STRICK, 2001, p. 15).

Desse modo, fica claro que não há uma única dificuldade, que suas causas são múltiplas e as formas pelas quais o professor pode contribuir para a aprendizagem, são também diversas. O National Joint Committee of Learning Disabilities (NJCLD) formado por representantes das organizações dos Estados Unidos define as dificuldades de aprendizagem como:

Dificuldades de aprendizagem é um termo genérico que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por problemas significativos na aquisição e uso das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas. Estas desordens, presumivelmente devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, são intrínsecas ao indivíduo e podem ocorrer durante toda a sua vida. Problemas nos comportamentos auto reguladores, na percepção social e nas interações sociais podem coexistir com as DA, mas não constituem por si só uma dificuldade de aprendizagem. (NJCLD, s/d, s/p).

De acordo com a definição proposta pelo National Joint Committee of Learning Disabilities, as dificuldades de aprendizagem são provenientes de uma alteração do sistema nervoso central, outra característica que as define é que elas são próprias da pessoa e as manifestações podem acontecer ao longo de toda a vida. Sisto (2001) apud Gimenez (s/d, p.80) descreve o termo como:

Um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais.

Para o autor, as crianças que carregam consigo as denominadas dificuldades de aprendizagem apresentam inteligência normal e, muitas vezes, podendo ser até superior, porém expressam um impedimento no aprendizado nas áreas citadas por Sisto. As autoras Smith e Strick nos dizem que:

As crianças com dificuldades de aprendizagem, entretanto, sofrem de uma combinação infeliz: não apenas suas fraquezas são mais pronunciadas que o normal, mas elas também estão naquelas áreas que mais tendem a interferir na aquisição de habilidades básicas em leitura, matemática ou escrita. (SMITH; STRICK, 2001, p.36).

Dessa forma, os docentes precisam ter cuidado para não expor a dificuldade do aluno para toda a turma de forma grosseira, e sim com empatia, de modo que as crianças tenham conhecimento sobre o assunto, podendo ajudar umas às outras.

É importante, portanto, que a família do educando e seus educadores respeitem os alunos que não conseguem aprender no mesmo ritmo dos demais.

É de grande valia também que as crianças sejam incentivadas pela escola e pela família. Palavras positivas que as façam sentir gosto pelo aprendizado devem estar presentes no dia a dia, pois as crianças que são respeitadas pelo seu modo de ser e são compreendidas, aprendem melhor, o que não ocorre com uma criança que é desrespeitada e constrangida em frente aos seus colegas.

Segundo Smith e Strick (2001, p.37), “Esse conhecimento tornará possível para a criança tornar-se um aluno confiante e independente”. Quando o educando está seguro de si mesmo e reconhece suas limitações, procura recursos para potencializar suas capacidades.

Autoras como Smith e Strick (2001) consideram importante que os alunos com dificuldades de aprendizagem convivam com professores que possuem conhecimento sobre o assunto e que tenham uma didática diferenciada, a qual faça sentido para a criança, dessa maneira amenizando os efeitos e superando obstáculos.

Os alunos que possuem boa instrução no processo de ensino e aprendizagem tendem a superar seus desafios, à vista disso, planejamentos didáticos adaptados que integram as necessidades da criança, influenciam positivamente no progresso de aquisição do conhecimento.

Os tipos mais comuns de dificuldades de aprendizagem são: disgrafia, disortografia, discalculia, dislexia, TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade). Nos itens a seguir, apresentamos, mesmo que de modo sucinto, um pouco de cada uma dessas dificuldades de aprendizagem.

2.1 Disgrafia

A disgrafia compromete a escrita da criança, conseqüentemente formando uma letra não legível e confusa, de acordo com Souza:

Disgrafia é uma deficiência na qualidade do traçado gráfico que não deve ter uma causa “déficit” intelectual e/ou neurológico. Fala-se, portanto, de crianças de inteligência média ou acima da média, que por vários motivos apresentam uma escrita ilegível ou demasiadamente lenta, o que impede um desenvolvimento normal da escolaridade. (SOUZA, 2015, p.13).

Para o autor, a disgrafia não é relacionada a um fator neurológico, e sim pode ser originada por vários motivos, conseqüentemente interferindo negativamente no aprendizado devido a escrita ser ilegível e lenta.

Outra definição apresentada por Pântano (2016) em *Psicologias do Brasil* é de que

A criança com disgrafia apresenta uma escrita ilegível decorrente de dificuldades no ato motor de escrever, alterações na coordenação motora fina, ritmo, e velocidade do movimento, sugerindo um transtorno práxico motor (psicomotricidade fina e visual alteradas). (PÂNTANO, 2016, s/p).

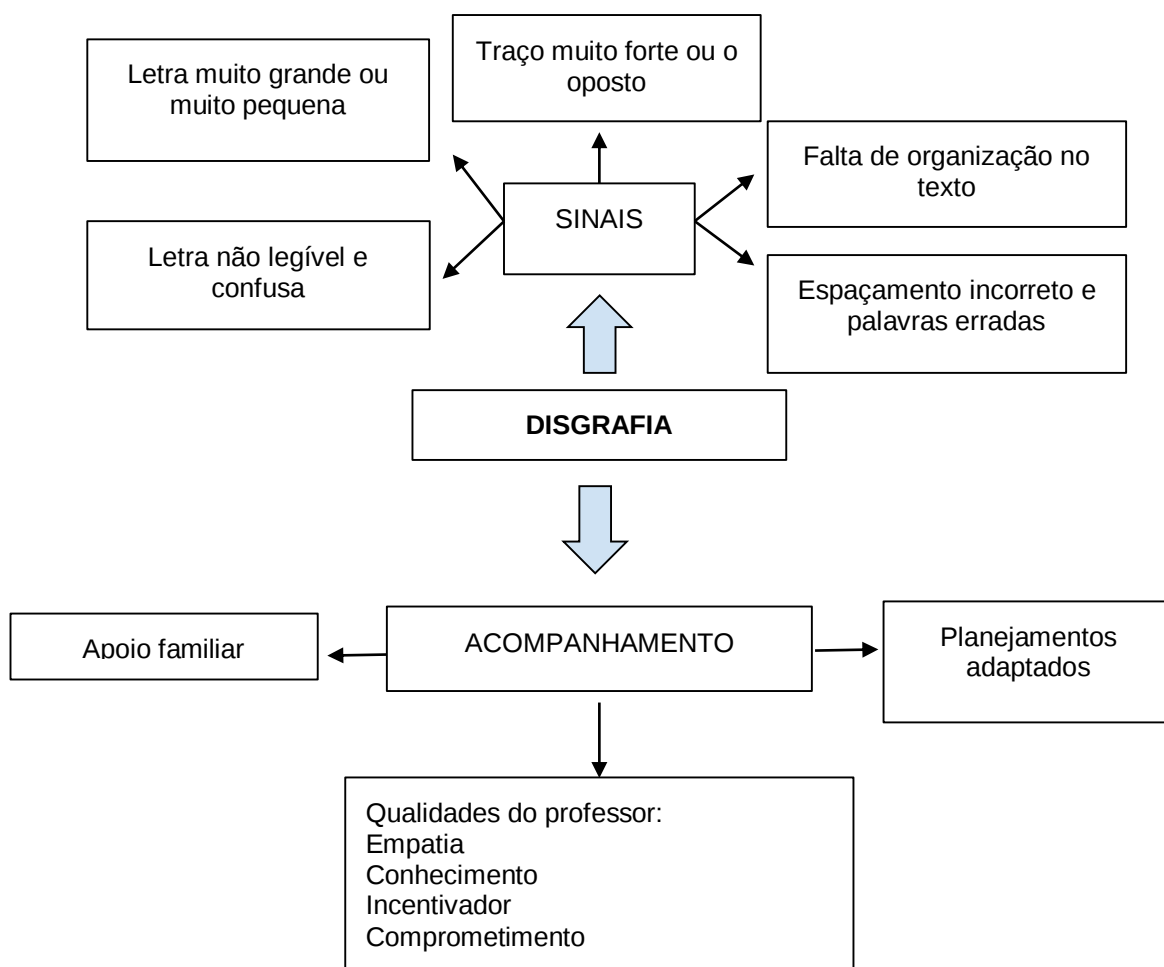
Muitos são os sinais que a criança emite ao revelar que possui essa dificuldade, o educador precisa estar atento as seguintes manifestações. Coelho (s/d) cita essas dificuldades:

- Letra muito grande ou muito pequena;
- Letra confusa, por vezes difícil de decifrar;
- Traço forte demais que pode acontecer até rasuras no papel, ou traço leve difícil de enxergar;
- Espaçamento das letras e palavras incorretos;
- Falta de organização do texto.

A atividade pedagógica com crianças que possuem essa dificuldade exige do docente conhecimento, empatia, comprometimento e, principalmente, uma boa relação entre professor/aluno, fazendo com que o educando perceba a sua importância nesse processo como um bom incentivador. Em concordância com Souza (2015, p. 17), “a escola tem como principal objetivo instruir o aluno fazendo com que adquira a habilidade da escrita, sendo esse o principal desafio de um educador”. Refletindo sobre a afirmação do autor, o docente, juntamente com outros apoios oferecidos pela instituição, pode promover o aprendizado desses alunos. Isso requer apoio familiar e planejamentos adaptados para cada situação, favorecendo a individualidade e proporcionando ensino de qualidade.

Para contextualizar o acima exposto, apresentamos a figura a seguir:

Figura 1 – Esquema síntese – Disgrafia



Fonte: Elaborada pela autora

Levando em conta a contextualização anterior, podemos identificar de forma sucinta os sinais da disgrafia e o acompanhamento escolar que a criança com disgrafia deverá ter. O próximo assunto abordado será a disortografia.

2.2 Disortografia

Outra dificuldade de aprendizagem é a disortografia. Para entender o conceito de disortografia, recorreremos à definição trazida pelo Instituto NeuroSaber. Segundo tal definição,

A disortografia é diferente da disgrafia, pois ela está relacionada a uma deficiência que afeta as aptidões da escrita. Em outras palavras, a

disortografia é uma dificuldade centrada na estruturação, organização e produção de textos escritos. Além disso, as crianças mostram uma construção frasal aquém do esperado, com o vocabulário pobre e curto; nota-se também certa quantidade de erros ortográficos. (NEUROSABER, s/d, s/p).

É importante saber diferenciar a disgrafia da disortografia. Para o instituto NeuroSaber, a disortografia é designada por uma deficiência na escrita, a qual é constituída por uma série de indícios que a caracterizam, conforme citado. Conforme Coelho (s/d), as características das crianças que possuem essa dificuldade são:

- Troca de letras que possuem semelhança no som;
- Confusão de fonemas com dupla grafia;
- Não faz ligação entre fonemas e grafemas;
- Separação incorreta de palavras;
- Desconhece as regras de pontuação da língua portuguesa;

O processo de ensino e aprendizagem de crianças com dificuldades é um percurso desafiador para o professor, pois é preciso ter conhecimento de diferentes métodos de ensino para que, assim, o aprendizado se torne prazeroso e menos frustrante, pois, é necessário que o docente adapte atividades da forma que o aluno aprenda. Contudo, para acontecer uma aprendizagem significativa, os educadores devem ter conhecimento do assunto, a fim de fazer a melhor intervenção, ajudando, dessa maneira, o educando a obter sucesso.

Coelho sugere dicas aos docentes que possuem alunos com disortografia:

Duas áreas importantes na reeducação da disortografia: a intervenção sobre os fatores associados ao fracasso ortográfico e a correção dos erros ortográficos específicos. No que diz respeito à primeira, são importantes os aspectos relacionados com a percepção, discriminação e memória auditiva (exercícios de discriminação de ruídos, reconhecimento e memorização de ritmos, tons e melodias) ou visual (exercícios de reconhecimento de formas gráficas, identificação de erros, percepção figura-fundo); as características de organização e estruturação espacial (exercícios de distinção de noções espaciais básicas, como direita/esquerda, cima/baixo, frente/traz); a percepção linguístico-auditiva (exercícios de consciencialização do fonema isolado, sílaba, soletração, formação de famílias de palavras, análise de frases); e também exercícios que enriqueçam o léxico e vocabulário da criança [...]. (COELHO, s/d, p.12).

Coelho também destaca a importância do professor desenvolver planejamentos que trabalham a memória auditiva e visual, organização e estruturação espacial e percepção linguístico-auditiva, além disso para o plano ficar enriquecido

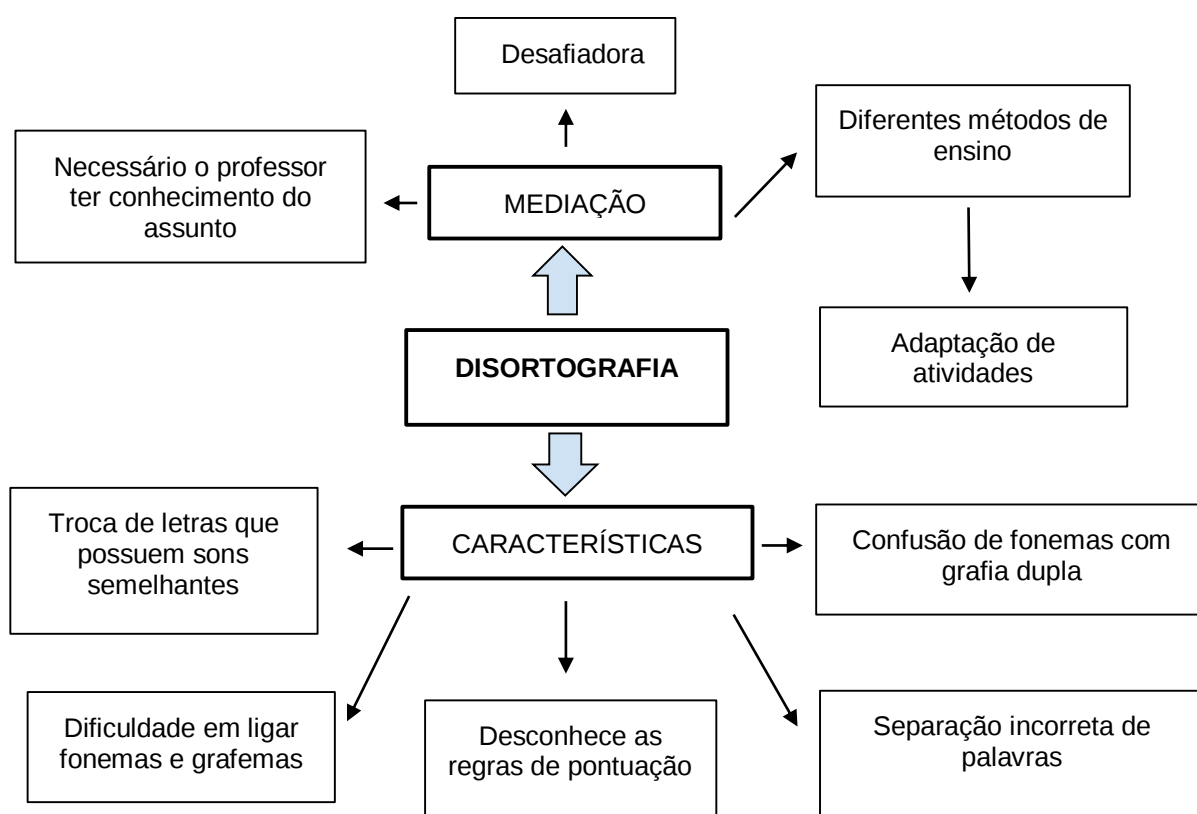
de atividades que tenham sentido para a criança, envolver dinâmicas que desenvolvam o vocabulário. Coelho ressalta:

[...] Quanto à intervenção específica sobre os erros ortográficos, atente-se particularmente nos de ortografia natural (exercícios de substituição de um fonema por outro, letras semelhantes, omissões/adições, inversões/rotações, uniões/separações); de ortografia visual (exercícios de fonemas com dupla grafia, diferenciação de sílabas, reforço da aprendizagem); e de omissão/adição do “h” e das regras de ortografia (letras maiúsculas/minúsculas, “m” antes de “b” / “p”, “r” / “rr”). (COELHO, s/d, p.12).

Em relação aos alunos que apresentam erros na escrita, há uma série de atividades citadas por Coelho para que o educando perceba a diferença de uma escrita correta em comparação à escrita com erros ortográficos, desse modo possibilitando ao aluno melhor compreensão dos conteúdos.

Com finalidade de entender o assunto abordado de forma sucinta, apresentamos abaixo a seguinte representação:

Figura 2 – Esquema síntese – Disortografia



Fonte: Elaborada pela autora

Considerando o esquema anterior é possível situar as características da disortografia e as condições de mediação que o professor pode assumir. Outras questões poderiam ser pontuadas, mas passo a explicar agora a discalculia.

2.3 Discalculia

A discalculia é uma dificuldade presente nas salas de aula referente à aprendizagem matemática. Bernardi e Stobäus a descrevem:

São dificuldades que a criança enfrenta ao relacionar termo a termo; associar símbolos auditivos e visuais aos números; contar; aprender sistemas cardinais e ordinais; visualizar grupos de objetos; compreender o princípio da conservação; realizar operações aritméticas; perceber a significação dos sinais de adição (+) e subtração (-), de multiplicação (x) e divisão (:) e de igualdade (=); ordenar números espacialmente; lembrar operações básicas, tabuadas; transportar números; seguir sequências; perceber princípios de medidas; relacionar o valor de moedas, entre outros. (BERNARDI; STOBÄUS, 2011, p. 49).

Desse modo, essa dificuldade de aprendizagem está relacionada com os números e conhecimentos básicos importantes que a criança precisa adquirir para se apropriar dos conteúdos matemáticos que serão desenvolvidos ao longo da vida escolar.

Vieira (2004) apud Bernardi e Stobäus (p. 50), afirma que “discalculia significa, etimologicamente, alteração da capacidade de cálculo e, em um sentido mais amplo, as alterações observáveis no manejo dos números: cálculo mental, leitura dos números e escrita dos números”.

Vieira a descreve como uma confusão no aprendizado da leitura e escrita dos números, cálculo mental aliado à memorização.

Coelho (s/d) apresenta os seguintes comportamentos dos alunos que possuem discalculia:

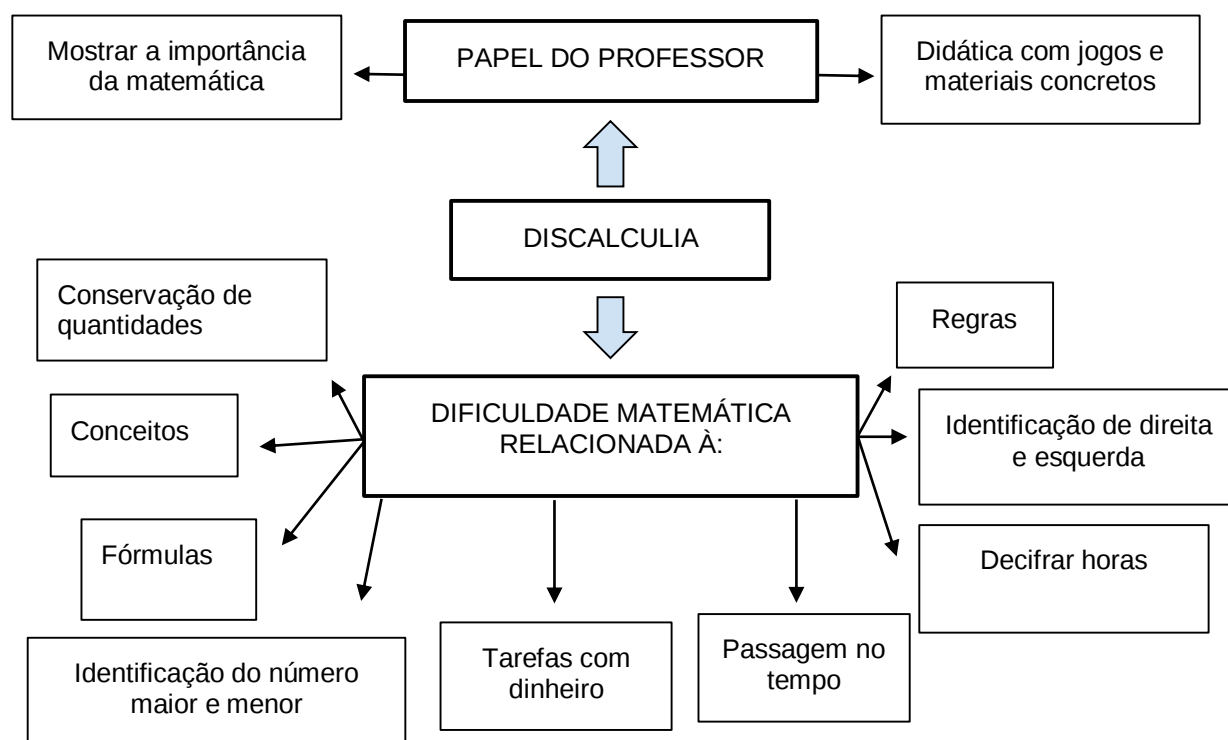
- Dificuldade no entendimento das regras, fórmulas e conceitos matemáticos;
- Dificuldade de identificar qual número é maior e menor;
- Dificuldade em tarefas com dinheiro;
- Dificuldade em tarefas que envolvam a passagem do tempo;
- Dificuldade com o uso da calculadora (pelo fato de não compreender os símbolos);

- Dificuldade com a conservação de quantidades;
- Dificuldade de decifrar as horas;
- Dificuldade na diferenciação de direita e esquerda;

O papel do professor é fazer com que a criança perceba o quão importante é ter a compreensão dessa disciplina, é quanto é útil e precisamos no decorrer da nossa vida, para a intervenção, promover uma didática a qual a criança tenha contato com jogos e materiais concretos para facilitar a aprendizagem, Coelho (s/d, p.14) “é importante que a criança possa observar, tocar, mexer num cubo quando está, por exemplo, a aprender os sólidos geométricos, caso contrário será difícil compreender as noções de lado, vértice e aresta.” O contato direto com o objeto torna o conteúdo mais significativo e não fica tão abstrato na cabeça do aluno, dessa forma será mais compreensível.

A seguinte figura demonstra de forma resumida e com intenção de melhor entendimento sobre questões relacionadas a discalculia.

Figura 3 – Esquema síntese – Discalculia



Fonte: Elaborada pela autora.

Outra realidade presente nas salas de aula que dificulta o aprendizado é o transtorno do déficit de atenção, com o intuito de compreender o conceito desse transtorno, o Instituto NeuroSaber afirma que

O TDAH é um transtorno neurobiológico, genético, hereditário. Isso significa que o transtorno identificado na criança pode vir do pai ou da mãe; de um primo ou de uma tia. O TDAH também encontra em fatores ambientais motivos para sua ocorrência, a saber: nascimento com baixo peso, bebês prematuros ou mãe que fuma durante a gravidez. (INSTITUTO NEUROSABER, s/d, s/p).

De acordo com o exposto, esse transtorno de aprendizagem é hereditário ou pode estar aliado a uma gravidez não saudável, assim como parto prematuro e peso abaixo do normal.

Também salienta que existem dois tipos de TDAH: “o TDAH combinado é aquele em que a criança apresenta a hiperatividade, a impulsividade e o déficit de atenção. Já o TDAH desatento é caracterizado quando a criança demonstra apenas a falta de atenção. As autoras Smith e Strick (2001, p.39) complementam que “Os déficits da atenção ocorrem com ou sem hiperatividade. Existem também crianças que são primariamente hiperativas e impulsivas e têm menos problemas de atenção”, desse modo essa dificuldade de aprendizagem pode se manifestar de duas diferentes formas, podendo ter sinais diferentes em cada uma.

As características manifestadas pelas crianças conforme o Instituto NeuroSaber (s/d) são:

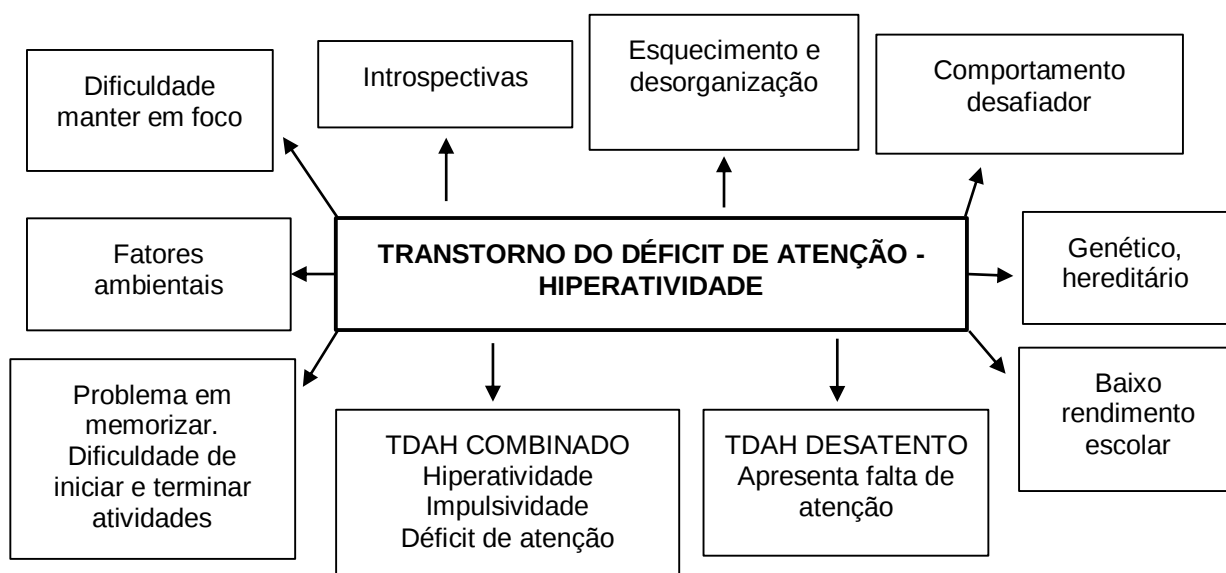
- Dificuldade em manter o foco;
- Dificuldade para iniciar e terminar uma atividade;
- Esquecimento e desorganização;
- Rendimento escolar baixo;
- Introspectivas;
- Problema de memorização;
- Comportamento desafiador.

Muitas vezes o transtorno do déficit de atenção/hiperatividade fica visível quando a criança inicia a escola, pelo fato de ela expressar sinais característicos que evidenciam a presença da dificuldade. Desse modo, a presença de um professor com bons olhos sobre os alunos pode facilitar a jornada escolar propondo a ajuda necessária de outros profissionais e também em relação a metodologia de ensino,

reformulando atividades, dessa forma, suprimindo as necessidades que a criança precisa para ter um bom aprendizado e convívio social.

O diagrama abaixo está constituído de modo sintetizado ao tema apresentado, com finalidade de melhor entendimento.

Figura 4 – Esquema síntese – Transtorno de Déficit de Atenção



Fonte: Elaborada pela autora.

Diante do exposto, de modo sintético, fez-se presente os conceitos e características acerca dos temas discalculia e transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Tendo em vista os problemas de aprendizagem apontados de forma breve para conhecimento dos que são mais comuns nas escolas, muitas informações e referências poderiam ser levantadas e estudadas, porém o principal foco da pesquisa é a dislexia, sendo o próximo tópico abordado.

2.5 Dislexia

A dislexia, bastante presente no cotidiano escolar, torna o processo de ensino e aprendizagem mais difícil tanto para o aluno quanto para o professor.

Para entender a definição da mesma, é significativo conhecer a origem da palavra. Muszkat e Rizzutti (2012, p.13) descrevem-na:

Segundo o eminente neurologista Norman Geschwind, parte da polêmica em torno do termo criado para nomear as dificuldades de aprendizado da leitura e escrita tem origem etimológica, uma vez que foram eleitos os significados latinos *dys* como dificuldade, e *lexia*, como palavra. É na decodificação do sentido da derivação grega de *dislexia*, que está a significação intrínseca do termo: *dys*, significando imperfeito como *disfunção*, isto é, uma função anormal ou prejudicada; e *lexia* que, do grego, dá significação mais ampla ao termo *palavra*, isto é, como *linguagem* em seu sentido amplo.

A dislexia é definida como uma dificuldade de aprendizado da leitura e da escrita, o sujeito que a possui não consegue associar os fonemas às letras. Segundo Cândido,

A dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades em ler, interpretar e escrever. Sua causa tem sido pesquisada e várias teorias tentam explicar o porquê da dislexia. Há uma forte tendência que relaciona a origem à genética e a neurobiologia. (CÂNDIDO, 2013, p. 13).

A autora destaca que essa dificuldade é compreendida pela falta de habilidade na leitura, escrita e interpretação e sua origem pode ser genética ou relacionada com a neurobiologia. Conforme a International Dyslexia Association,

A dislexia é caracterizada por dificuldades com o reconhecimento preciso e/ou fluente das palavras e por más habilidades de ortografia e decodificação. Essas dificuldades geralmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem que geralmente é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas e ao fornecimento de instrução eficaz em sala de aula. As consequências secundárias podem incluir problemas de compreensão e redução da experiência de leitura que podem impedir o crescimento do vocabulário e do conhecimento de base. (INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION, s/d, s/p).

Assim sendo, ela é descrita pela dificuldade do reconhecimento das palavras, problemas de ortografia e decodificação dos símbolos. Dessa maneira diminuindo a capacidade de leitura, consequentemente podendo resultar em um baixo desempenho do vocabulário. Ellis (1995) discorre que

Central ao conceito de dislexia está a ideia de problemas inesperados de leitura; isto é, a ideia de que algumas crianças podem experienciar dificuldades com a aquisição da leitura e escrita que não podem ser atribuídas a fraca audição ou visão baixa inteligência ou oportunidades educacionais inadequadas (ELLIS, 1995, p.105).

A autora evidencia que a dislexia não está associada com disfunções auditivas e visuais, instrução escolar inadequada ou baixa inteligência, portanto, Ellis destaca que essa dificuldade está relacionada a problemas com leitura e escrita.

As autoras Mano e Marchello, que possuem grande conhecimento sobre o assunto, destacam que

As crianças com dislexia apresentam dificuldades em construir e desenvolver a leitura e a escrita, mas, apesar destas dificuldades, as crianças disléxicas apresentam intelecto normal ou até mesmo superior e, por isso, podem se destacar em áreas que não dependem, exclusivamente, dessas habilidades. (MANO; MARCHELLO, 2015, p. 4).

As crianças identificadas com essa dificuldade de leitura possuem uma inteligência normal. A dislexia normalmente é descoberta na fase da alfabetização, Lyra (s/d, p. 18) afirma que “O que se espera de uma criança, nesta idade é que ela possa identificar as letras, os fonemas, a quantidade de sílabas em uma palavra, para então formar as frases e ler um texto”, isso não acontece quando a criança apresenta dislexia, ela não consegue fazer essa associação, por isso a necessidade e importância de ser reconhecida logo nos primeiros sinais que a criança emite, para assim, não resultar em problemas maiores, frustrações e consequências desfavoráveis no rendimento escolar.

Tenorio e Pinheiro (2018) elencam uma série de sinais que evidenciam a presença da dislexia:

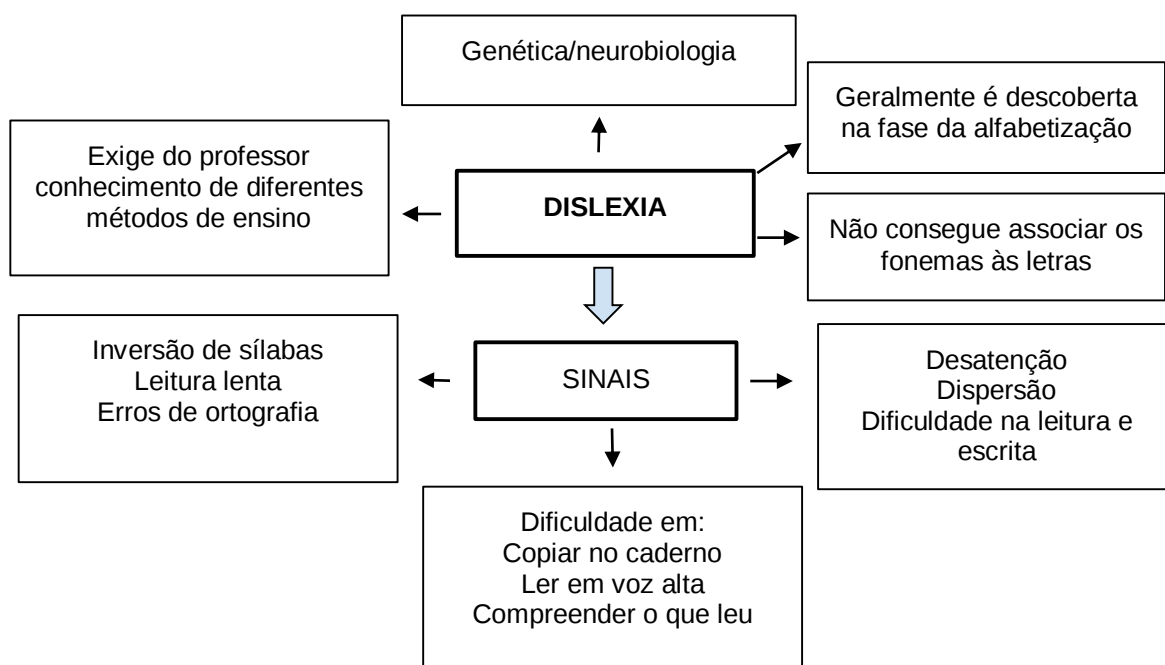
- Erros de ortografia;
- Desatenção;
- Dispersão;
- Leitura lenta;
- Inversão de sílabas;
- Dificuldade de ler em voz alta;
- Baixa compreensão;
- Dificuldades para estudar.

A leitura é uma grande dificuldade para os disléxicos. Tornando-se um desafio, frequentemente, ela é lenta ou silábica, podem acontecer acréscimos, inversão ou reversão silábica, redução de palavras, repetição de sílabas, leitura acompanhada pelo dedo. A escrita não é legível e habitualmente a letra preferida é de bastão.

Para o docente que atua em sala de aula, é significativo ter entendimento a respeito dessas manifestações, pois quando se possui conhecimento sobre o assunto, sabe-se quando procurar apoio de outros profissionais e como conduzir a criança da melhor maneira para oportunizar vivências de aprendizagem.

Com o intuito de contextualizar o texto descrito, o esquema a seguir apresenta elementos importantes para compreensão do assunto mencionado.

Figura 5 – Esquema síntese – Dislexia



Fonte: Elaborada pela autora.

Todas as fases da escolarização são importantes e necessárias para o desenvolvimento do ser humano, porém, é imprescindível que a etapa da alfabetização seja guiada por um professor com conhecimento e com olhos atentos sobre seus alunos, porque as dificuldades de aprendizagem começam a dar indícios mais fortes no decorrer desse processo. O diagnóstico, logo nos primeiros sinais, evita que a criança passe por momentos de angústia, baixa autoestima e pensamentos ruins devido ao fato de não conseguir acompanhar os seus colegas. Por este motivo, há a importância de o quadro disléxico ser descoberto precocemente, pois dessa maneira, a situação será conduzida por profissionais de forma correta para ocorrer o efetivo aprendizado.

Segundo Fagundes (2002, p. 67), “As pessoas disléxicas sempre terão alguns obstáculos a enfrentar quando o assunto for língua escrita. Porém, não serão obstáculos intransponíveis se puderem reconhecê-los e aprender a se haver com eles”. Sendo assim, quem convive com a dislexia vivenciará desafios envolvendo as letras, portando, saber a forma de agir perante aos desafios fará com que a dislexia cause efeitos minimizados diante do dislético que sabe reconhecer os obstáculos e enfrentá-los.

3. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DA DISLEXIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para iniciar o assunto deste capítulo, é interessante saber o que a autora Magda Soares entende por alfabetização e letramento. A autora possui grande conhecimento sobre esses temas, visto que realizou pesquisas por décadas sobre o assunto, contribuindo de modo significativo para a área da educação. Soares (2004) discorre que “A aquisição da escrita ocorre por dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento”. (SOARES, 2004, p.14). A autora ainda destaca que

A alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14).

Desse modo, a alfabetização ocorre por meio do contato com as letras e do reconhecimento do som que as mesmas representam, estabelecendo a correspondência fonema (som) e o seu traçado (grafema) para a decodificação das palavras. E, a partir desse processo, o emprego da leitura das palavras nas práticas sociais promove o letramento. Assim, o letramento está intrinsecamente ligado ao processo de alfabetização. Nesse sentido, de acordo com Soares (2004), a alfabetização é muito mais do que ler palavras grafadas, e sim reconhecer seu significado e saber empregá-las no cotidiano, ou seja, nas vivências sociais, compreendendo criticamente o que lê e o que escreve, enquanto uma competência para a cidadania.

Esse processo não se desenvolve da mesma maneira entre as crianças, algumas tendem a ter mais facilidade perante outras. Esse momento é ansiado pelos educandos, familiares e educadores, por parte das crianças pelo fato de aprender a ler e escrever, para os familiares, pelo desenvolvimento e crescimento, para os professores, quando o processo está em andamento, estes almejam o sucesso esperado, fruto de uma incansável dedicação, com a finalidade de propiciar aos alunos muitos saberes que a vida oferece. Os autores Villela e Archangelo (2017, p.

169) afirmam que esse momento proporciona à criança “maior autonomia, maior capacidade de pensamento e de verbalização [...], desse modo, a criança melhora seu vocabulário e amplia sua habilidade de pensamento, conseqüentemente se tornando mais autônoma para ocasiões que envolvem a leitura e a escrita”.

O diagnóstico da dislexia é confirmado cotidianamente nas escolas, a mesma é responsável por não permitir que a criança aprenda da mesma forma de um colega que não é afetado por esse transtorno, o qual gera dificuldade no aprendizado do dia a dia diante de atividades que envolvem leitura e escrita. Em vista disso, é importante a criança com dislexia ter acompanhamento de um professor engajado com a situação que ajude o aluno enfrentar seus desafios e alcançar os objetivos para obter o sucesso desejado.

O processo de alfabetização e letramento por ser um momento delicado, é essencial um educador com um olhar atento e humano, com um bom entendimento sobre os métodos de ensino e compreensão sobre o assunto, aliado a um planejamento adequadamente elaborado, nesse processo é indispensável, é com ele que o aluno vai se sentir encorajado e motivado, tendo o apoio necessário para vencer obstáculos, ocorrendo assim, aprendizagens significativas. Segundo Muszkat e Rizzutti (2012), para os disléxicos essa etapa é marcada por inúmeras dificuldades, quando não é instruída da forma adequada.

De acordo com Rodrigues e Silveira (2008, p. 5),

O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo saber se isso não acontecer este aluno não desenvolve sua criatividade e capacidade para construir sua própria história de vida, por isso é importante que o professor conheça o universo cultural de cada aluno.

Sendo assim, faz toda diferença quando o professor desenvolve o gosto pelo saber no aluno, fazendo com que ele queira aprender sempre mais, de maneira prazerosa e no seu tempo, além disso, tendo um conhecimento prévio sobre a vida da criança, o professor ganha condições de proporcionar auxílio na elaboração do plano didático, fazendo com ele tenha significado.

A família também é responsável por despertar o interesse pelo aprender. Quando ela é envolvida com o processo de ensino e aprendizagem do educando, a sua autoestima será elevada e este passará a ter maior confiança, recebendo a motivação essencial para enfrentar os desafios. É proveitoso que os responsáveis

tenham conversas frequentes com a professora, referentes ao aprendizado da criança e orientações a serem seguidas de acordo com o recomendado para que, assim, a aprendizagem ocorra de forma positiva, pois muitas vezes a dislexia não é compreendida pela família e escola, ocasionando efeitos negativos no emocional do disléxico.

A boa relação entre escola e família condiz muito com a aprendizagem do educando, pois no momento em que ela se sente aceita, respeitada e compreendida pelos adultos que convive, o processo de ensino e aprendizagem se desenvolve de forma positiva.

De acordo com o pensamento de Fagundes (2002, p. 80), “Aprender pode ser tão divertido quanto qualquer brincadeira ou esporte. Aliás, para praticar um esporte ou entrar em uma brincadeira também se precisa de esforço para aprender suas regras ou formas de ação.” O ato de adquirir conhecimento não precisa ser feito com uma metodologia tradicional, uma criança aprende mais quando não há obrigatoriedade, um conteúdo desenvolvido de maneira lúdica oportuniza vivências, transformando-se em aprendizagens, desse modo, a mediação se torna agradável e não maçante.

A mesma autora destaca: “[...] Precisamos olhar cada caso em suas particularidades. Precisamos pensar cada dificuldade com todas as suas implicações. E, sobretudo, precisamos saber que as pessoas não se repetem, mesmo que se repitam sintomas e manifestações.” (FAGUNDES, 2002, p.128).

Em concordância com o exposto, levando em conta uma classe de alunos, onde há diversidade de pessoas, modos distintos de aprender e viver, é necessário que o professor tenha bons olhos para observar a necessidade de cada aluno. Dispondo um olhar sobre a dislexia nas salas de aula, percebe-se que cada criança aprende com sua individualidade, mesmo manifestando comportamentos iguais a outra. Diante disso, planejamentos didáticos que buscam valorizar o modo de aprender de cada um influenciam positivamente na vida escolar do educando.

É essencial que o docente tenha força de vontade e um olhar atento aos seus alunos, diferenças sempre vão existir, por isso, estar aberto para tais dificuldades e ter conhecimento é fundamental para ser um bom educador, visto que, as crianças não são iguais e não aprendem da mesma maneira, então, para acontecer uma

aprendizagem significativa é imprescindível ensinar cada aluno com sua particularidade.

Diante de um aluno com dislexia que está superando os seus desafios, evoluindo na aprendizagem a cada dia, existe um professor que está torcendo para o seu voo, que instiga o gosto pelo conhecimento, que apoia a superar obstáculos e alcançar os objetivos para conquistar o sucesso desejado. Nóvoa ressalta:

[...] Nada substitui um bom professor. Nada substitui o bom senso, a capacidade de incentivo e de motivação que só os bons professores conseguem despertar. Nada substitui o encontro humano, a importância do diálogo, a vontade de aprender que só os bons professores conseguem promover. É necessário que tenhamos professores reconhecidos e prestigiados; competentes, e que sejam apoiados no seu trabalho, o apoio da aldeia toda. Isto é, o apoio de toda a sociedade. São esses professores que fazem a diferença. É necessário que eles sejam pessoas de corpo inteiro, que sejam profissionais de corpo inteiro, capazes de se mobilizarem, de mobilizarem seus colegas e mobilizarem a sociedade, apesar de todas as dificuldades. (NÓVOA, 2007, p.18).

Em concordância com o autor, pode-se dizer que nada substitui um bom professor que ama e valoriza a sua profissão, que busca a mudança e motiva seus alunos a desfrutarem dos saberes da vida. Um bom professor preocupado com a educação, certamente é capaz de mudar vidas.

3.1 Análise dos resultados apresentados nos questionários

Para buscar respostas acerca da problematização, realizou-se uma pesquisa com enfoque no estudo de caso qualitativo com professoras alfabetizadoras dos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino fundamental de uma escola municipal de Cotiporã, no Estado do Rio Grande do Sul.

O questionário composto por onze questões descritivas foi autorizado pela gestão da escola para ser realizado com as professoras. A escola possui duas turmas para cada nível. Para a execução da pesquisa, foram entregues seis questionários, todas as participantes são do sexo feminino e possuem mais de vinte anos de experiência na área da educação.

O intuito inicial era realizar a pesquisa com as seis professoras, porém apenas três retornaram. Estamos vivendo um momento de pandemia, onde o ensino precisou ser reinventado e, com isso, resultou em um período conturbado para os docentes, por este motivo compreendemos a falta de disponibilidade.

Para a análise das perguntas, as professoras alfabetizadoras serão identificadas como professoras A, B e C.

Com a finalidade de conhecer a realidade e experiências passadas dessas docentes, a primeira questão indaga se já tiveram alunos com dificuldades de aprendizagem, as professoras A e B possuem semelhança na resposta, havendo dificuldades na alfabetização pela falta de estímulo familiar, a docente B complementa que já se deparou com *“Dificuldades na escrita, na leitura, na interpretação, no raciocínio, problemas comportamentais, problemas estruturais como a falta de acompanhamento da família na vida escolar”*.

Como a falta de comprometimento da família com a educação de seus familiares se fez bastante presente, é significativo relacionar o autor Macedo (1994) apud Sousa (2014, p. 24) com a importância da família no ambiente escolar, já que o autor afirma que

Com a participação da família no processo de ensino e aprendizagem, a criança ganha confiança vendo que todos se interessam por ela, e também porque você passa a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos da criança (MACEDO, 1994 apud SOUSA, 2014, p.24).

Desse modo, a família envolvida com a escola desperta na criança sentimento de confiança, pois ela sente que não está sozinha. Desta maneira, ela se sentirá importante diante dos adultos com os quais convive, conseqüentemente elevando a sua autoestima, resultando em um bom desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

A professora C expõe que já teve experiências de alunos com dislexia, disgrafia, discalculia, déficit de atenção com hiperatividade e outros.

Para a pesquisa, é de suma importância saber como essas educadoras atuam quando percebem dificuldades de aprendizagem nas suas salas. Em meio aos três questionamentos, houve atendimento individualizado, encaminhamento ao setor pedagógico, psicólogo, APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e para a sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Com o intuito de envolver as experiências com a dislexia, várias questões foram direcionadas apenas a essa dificuldade. Para conhecimento das vivências passadas, apenas a professora C, docente do segundo ano, afirmou já ter convivido com a dislexia em sala de aula. Sobre a identificação desses casos, destacamos a

fala da docente: *“desde a introdução das primeiras letras e números, se ele não associa, faz leitura silábica, faz adivinhações na hora de ler, troca, omite ou inverte letras na leitura e quando a incompreensão na leitura ultrapassa a fase de alfabetização”*. (PROFESSORA C, 2020).

Com o objetivo de promover a aprendizagem para esses educandos, ela destaca que utiliza jogos pedagógicos em seus planejamentos, dessa forma facilita o processo de ensino e aprendizagem, conseqüentemente promovendo conhecimento para este aluno. De acordo com Marques (2014, p.65), “A utilização do jogo na intervenção pedagógica é uma atividade que favorece a aprendizagem para a leitura e escrita de crianças com dislexia e com outras patologias”, visto que, os jogos influenciam positivamente no processo de ensino e aprendizagem, torna-se significativo que os docentes os utilizem nos planejamentos, dessa maneira, proporcionando aos alunos aulas lúdicas e repletas de conhecimentos.

Atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento desses educandos, os autores Muszkat e Rizzutti (2012, p. 73) afirmam que

Todas as atividades de estimulação da linguagem escrita devem ser realizadas de forma lúdica, principalmente por meio de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer em ler e escrever. Nesse sentido é útil orientar os pais sobre o papel importante da leitura de histórias infantis, leitura de rótulos e jogos de rima. Estimulando a motivação e não a obrigatoriedade da leitura.

Em concordância com Muszkat e Rizzutti, pode-se afirmar que atividades que geram motivação desenvolvem na criança o gosto pelo aprender, ocasionando um aprendizado prazeroso. Em vista disso, a obrigatoriedade da leitura provoca impactos negativos, por esse motivo a importância de uma estimulação criativa, a criança aprende sem se dar conta que está aprendendo.

Como possibilidades de estratégias para o professor alfabetizador, é produtivo utilizar meios e estratégias diferenciadas em seu planejamento para oportunizar o conhecimento. Para Feitosa (2015), ao trabalhar ideias para desenvolver com alunos disléxicos, com intenção de aprimorar habilidades de concentração, observação, memorização de objetos, números e letras, o jogo da memória é um auxílio fundamental, “escrever no ar” também é um ótimo exercício, pois reforça o padrão neurológico. Permitir o uso da calculadora e tabuada nas aulas de matemática facilita o aprendizado. Utilizar programas no computador pode ser um aliado, mas é

importante saber escolher os que melhor se adaptam no perfil da criança. O gravador de voz possibilita ao aluno gravar a sua leitura, para posterior revisão, sendo um recurso que pode ser utilizado de maneira positiva.

A escola tem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem com os alunos que apresentam dificuldades. Autores como Muszkat e Rizzutti (2012), por exemplo, elencam estratégias que interferem positivamente no processo de aprendizado do aluno disléxico:

- Atividades que incluem pintura e dança;
- Jogos de tabuleiro;
- Cantar músicas;
- Aplaudir sílabas;
- Praticar soletração;
- Utilizar livros com áudio;
- Estimular a escrever no ar.
- Escrever palavras em diferentes texturas como, cartolina, areia e argila, para estimular o tato;
- A partir de um filme assistido, discutir sobre a trama;
- Atividades de memorização.

Além disso, os autores também nos trazem ações como:

- Não fazer comparações com os colegas;
- Estipular mais tempo para ler o material;
- Estimulação verbal;
- Deixar o aluno perto da mesa do professor;
- Não insistir para a criança ler em voz alta diante da turma;
- Ter certeza que o aluno compreendeu a atividade;
- Deixar tempo suficiente para o trabalho ser terminado;
- Não sobrecarregar de temas;
- Ajudar o aluno a organizar-se.

É importante que o docente dê uma atenção especial para esses detalhes, os quais beneficiam o educando disléxico no processo de ensino. Por ser um momento

delicado, o esforço do professor é relevante, obtendo sempre persistência para que o aluno atinja os objetivos, sendo no final uma conquista para ambos.

Muszkat e Rizzutti (2012) também destacam dois métodos que são eficazes para os indivíduos com dislexia: o método fônico, o qual busca a associação entre as letras e sons, este é indicado no início da alfabetização e tem por objetivos: desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafofonêmicas. O método multissensorial é mais recomendado para crianças mais velhas, ele procura envolver atividades sensoriais fortalecendo a ligação entre a leitura e a escrita, os autores afirmam:

A principal técnica do método multissensorial é o soletrar oral simultâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete a pronúncia da palavra fornecida pelo adulto e a escreve dizendo o nome de cada letra ao final, a criança lê novamente a palavra que escreveu. (MUSZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 70).

Assim sendo, é essencial que o professor tenha conhecimento desses métodos, por serem eficazes na alfabetização, bem como utilizar meios de ensino que estimulam órgãos sensoriais como: visão, audição e tato. De acordo com Ianhez e Nico (2002) apud Feitosa (2015, p. 20), “Todo aprendizado que envolva os vários sentidos funciona de maneira positiva para os disléxicos e, convém ressaltar, também para os não disléxicos.” À vista disso, outra forma de crianças com dislexia aprenderem é o professor possibilitar atividades que contém esses estímulos.

Com relação à conduta do indivíduo disléxico, a docente C conta que cada aluno expressa um comportamento diferente, afirmando: *“mas a maioria deles, no meu caso, mostravam-se desmotivados e hiperativos. Uns também se sentem isolados e com receio dos colegas”* (PROFESSORA C, 2020). O professor estar com olhos atentos aos sinais que a criança expressa é primordial para a descoberta de uma dificuldade, quanto antes o reconhecimento melhor, assim o educador vai estar a par da situação e conseguirá ajudá-la, amenizando ou até evitando problemas emocionais.

A respeito do questionamento sobre os apoios disponibilizados pela escola e família, a educadora C relata que a escola sempre ajudou, podendo contar com ela em todos os momentos, porém, a família é uma parte mais complexa. Destacamos a seguinte afirmação: *“Os pais nem sempre entendem ou demoram demais para aceitar*

a situação e aceitar ajuda para juntos trabalhar melhor esse aluno” (PROFESSORA C, 2020). É significativo lembrar que quando a escola trabalha com a família, isso resulta em uma parceria que dá resultados positivos no dia a dia e no processo de construção de conhecimentos da criança com dislexia.

As professoras, que atuam em uma escola municipal de Cotiporã, quando percebem casos de dificuldades entre seus alunos, podem contar com apoio da coordenadora escolar, psicopedagoga, sala de atendimento especializado e reforço no turno inverso, além disso, a docente A destaca apoio individual ao educando, realizando atividades variadas de estimulação, fazendo uso de diversos materiais pedagógicos.

No decorrer do processo da alfabetização desses casos, as educadoras apontam dificuldades de trabalhar com esses alunos devido ao fato das turmas serem grandes e possuírem mais de uma dificuldade na mesma sala.

Diante do questionamento em relação de como essas docentes ajudam nessas situações, faz-se presente o atendimento individualizado, planejamentos adaptados, encaminhamento ao reforço, *“diálogo com a família, muita paciência, amor e carinho com a criança”* (PROFESSORA A, 2020). Bem como o respeito do ritmo de aprendizagem de cada um.

Perante a realidade apresentada das professoras alfabetizadoras, a escola em que exercem a docência possui uma boa estrutura e rede de apoio para ajudar as professoras nos casos de dificuldade de aprendizagem. As respondentes dos questionários são docentes comprometidas com o trabalho, preocupadas com o desenvolvimento dos seus alunos, os auxiliando da melhor maneira para instigar o gosto pelo saber, não esquecendo de demonstrar e repassar para o educando amor e carinho.

O papel do professor é de suma importância ao propor atividades adaptadas, jogos pedagógicos e atendimento individualizado, pois dessa forma ele influencia positivamente na vida escolar do educando que possui dificuldades de aprendizagem na alfabetização. No contexto que o professor não se importa em promover a aprendizagem para todos, a criança que possuir alguma dificuldade não irá conseguir acompanhar seus colegas, tendo problemas no âmbito emocional e consequentemente resultando em fracasso escolar.

A sala de aula se completa por diferentes almas, culturas e realidades. Por existir essa diversidade de alunos e ao mesmo tempo tendo em vista o mesmo objetivo de promover a aprendizagem para todos, pode tornar-se desafiador para o docente, visto que, as crianças não aprendem da mesma maneira e algumas precisam de um olhar especial do professor que tenha empatia e compreenda-a ajudando a construir conhecimentos que farão parte do seu desenvolvimento enquanto ser humano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou brevemente os temas disgrafia, disortografia, discalculia, dislexia e transtorno do déficit de atenção, com a finalidade de proporcionar conhecimento em relação às dificuldades de aprendizagem que são mais comuns nas escolas.

A disgrafia compromete a escrita da criança, conseqüentemente formando uma letra não legível e confusa, já a disortografia é designada por uma deficiência na escrita, relacionada à estrutura, organização e elaboração de textos escritos. A dificuldade discalculia está relacionada com os números e conhecimentos básicos importantes que a criança precisa adquirir para apropriar-se dos conteúdos matemáticos que serão desenvolvidos ao longo da vida escolar e o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade caracteriza-se pela dificuldade em manter o foco, para iniciar e terminar uma atividade, bem como, esquecimento, desorganização, rendimento escolar baixo, problemas de memorização e comportamento desafiador.

Tratando-se do foco principal da pesquisa o tema dislexia, que consiste em uma dificuldade de aprendizado da leitura e da escrita, o sujeito que a possui não consegue associar os fonemas às letras. Trata-se de uma dificuldade de aprendizagem que está presente nas salas de aula, mas mesmo com complexidades, os disléxicos possuem inteligência normal. Quanto antes for diagnosticada, melhor, pois, a criança será devidamente instruída e as atividades planejadas de forma adequada permitem que a alfabetização aconteça.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise da importância dos alunos com dislexia conviverem com um professor que tem conhecimento sobre o assunto para elaborar planos didáticos significativos com estratégias de ensino adaptadas para a construção do conhecimento do educando com problemas de aprendizagem na fase da alfabetização. Um professor atento às necessidades e características dos estudantes, que conheça estratégias de intervenção pedagógicas específicas para as dificuldades de aprendizagem, caso da dislexia, pode apoiar e promover significativos avanços na alfabetização de crianças disléxicas.

No transcorrer da investigação, conseguimos perceber a relevância de planejamentos envolvendo atividades lúdicas para crianças com dislexia e outras dificuldades de aprendizagem, visto que os alunos aprendem de uma forma prazerosa, sem dar-se conta de que estão construindo saberes. Um ambiente emocionalmente saudável, acolhedor e que incentive experiências diferenciadas também mostrou-se ser de suma importância para o desenvolvimento pleno desses educandos.

Devido ao fato da dislexia ser um tema ligado à educação, os professores precisam ter conhecimento acerca do tema. Pensando na condição de ensino e aprendizagem, os docentes devem estar preparados e abertos para lidar com as diferenças em sala de aula. Consideramos, portanto, a presente pesquisa relevante, pois contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre a dislexia e a educação.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário que o professor de alfabetização que possui diagnóstico de dislexia entre seus alunos elabore planos didáticos que tenham significado para a criança, dessa forma, o aluno com dificuldade de aprendizagem conseguirá acompanhar seus colegas e adquirir conhecimentos, caso contrário, podem acontecer frustrações, desgaste emocional, bem como, fracasso escolar.

No decorrer da análise dos resultados dos questionários, ficou visível a falta do engajamento da família nos casos de problemas de aprendizagem e que essa ausência gera efeitos negativos, dificultando o trabalho do professor. É evidente que a participação da família é essencial porque ela é uma grande aliada nesse processo, já que com incentivo, ajuda e motivação o educando sentirá que é importante e aceito, tendo confiança e todo apoio necessário para o seu desenvolvimento. Ambos têm a ganhar com uma boa relação entre família e escola.

Conclui-se que a alfabetização é uma etapa delicada para os disléxicos, sendo necessário enfrentar constantes obstáculos, à vista disso, é fundamental o convívio com professores e familiares com valores como empatia, amor e respeito. A criança, sentindo-se compreendida é um importante passo para a evolução do seu aprendizado.

Diariamente, são diagnosticadas dificuldades de aprendizagem nas salas de aula, desse modo, cada vez mais necessitamos de profissionais capacitados para fazer a mediação de forma correta e proporcionar a diferença na vida desses alunos.

Conclui-se ainda que, a criança disléxica pode ser alfabetizada desde que os planejamentos didáticos englobem diferentes estratégias de ensino, valorizando a sua necessidade e a sua individualidade, proporcionando resultados positivos e uma educação de qualidade. Dessa maneira, despertando o desejo pelo saber e aprender.

Finalizamos nosso estudo com um pensamento de Muszkat e Rizzutti, o qual possui grande significado para essa pesquisa. Conforme os autores, "Se a criança disléxica não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ela aprende." (MUZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 94). Fica este desafio para os professores: elaborar planejamentos que oportunizem a aprendizagem para todos.

REFERÊNCIAS

- BERNARDI, J., STOBÄUS, C. D. Discalculia: conhecer para incluir. **Revista Educação Especial**. V. 24, n 39, jan./abr. 2011. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/2386>>. Acesso em 22 de set. 2020.
- CÂNDIDO, E. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf>. Acesso em 22 de mai. 2020.
- CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. **Revista espaço acadêmico**. Nº 128 - janeiro de 2012. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12974/8511>>. Acesso em: 28 de ago. 2020.
- COELHO, D. T. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. [S.l., 2016?]. Disponível em <http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>. Acesso em 16 de set. 2020.
- ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.
- ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ALUNOS COM TDAH. **Instituto NeroSaber**. [S.l., 2014?]. Disponível em <https://institutoneurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/>>. Acesso em 11 de set. 2020.
- FAGUNDES, L. M. R. **O sentido da letra: leitura, dislexia, afetos e aprendizagem**. 1ª edição. Porto Alegre: EDITA, 2002.
- FEITOSA, M. S. S. **Distúrbios de aprendizagem: dislexia**. BrasNorte, 2015. Disponível em: http://biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20160423120300.pdf>. Acesso em: 22 de mai. 2020.
- GIMENEZ, E. H. R. Dificuldade de Aprendizagem ou Distúrbio de Aprendizagem?. **Revista de Educação**. [S.l., 2005]. Disponível em <file:///C:/Users/User/Pictures/Downloads/2214-Texto%20do%20artigo-8511-1-10-20150710.pdf>>. Acesso em 22 de jun. 2020.
- INTERNATIONAL DYSLEXIA ASSOCIATION. Definição de dislexia. [S.l., 2018?]. Disponível em: <https://dyslexiaida.org/#>>. Acesso em 22 de mai. 2020.

LYRA, G. J. H, **As dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar; Patologias ou Intervenções Pedagógicas não adequadas: o Universo do impedimento do não Saber; o ser Aprendente em risco**. [S.l., 2015?]. Disponível em

<https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/as_dificuldades_de_aprendizagem_patologias_1_1.pdf>. Acesso em 14 de set. 2020.

MANO, A. M. P.; MARCHELLO, A. M. S. Dificuldades e distúrbios de aprendizagem na concepção de professores de séries iniciais do ensino fundamental. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DA PEDAGOGIA**. Ano XIII – Número 25 – Julho de 2015. Disponível em

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/BTZp7xYt6jlf3KJ_2015-12-10-15-54-18.pdf>. Acesso em 22 de abr. 2020.

MARQUES, D. A. **O jogo no desenvolvimento da criança disléxica**. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Especialização em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor). Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2014. Disponível em

<<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6190/1/Daniela%20Marques.pdf>>.

Acesso em 12 de jul. 2020.

MUSZKAT, M.; RIZZUTTI, S. **O professor e a dislexia**. 1ªed. São Paulo: Cortez, 2012.

NATIONAL JOINT COMMITTEE ON LEARNING DISABILITIES. [S.l., 2018?].

Disponível em <<http://www.ldonline.org/about/partners/njclld>>. Acesso em 12 de out. 2020.

NEGRÃO, F. C. Dislexia: a atuação do professor diante desta dificuldade de aprendizagem. **Portal Educação**, S/d. Disponível em

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/dislexia-a-atuacao-do-professor-diante-desta-dificuldade-de-aprendizagem/58276#:~:text=A%20atua%C3%A7%C3%A3o%20deste%20professor%20perante,alunos%20a%20chance%20de%20serem>>. Acesso em: 28 de ago. 2020.

NOVÓIA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro, 2007. Disponível em

<https://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em 10 de ago. 2020.

PÂNTANO, T. Adaptação: Profª Lana Bianchi e Profª Vera Mietto. Como entender a Dislexia, Disortografia, Disgrafia, Discalculia. **Psicologias do Brasil**. [S.l., 2016].

Disponível em <<https://www.psicologiasdobrasil.com.br/como-entender-a-dislexia-disortografia-disgrafia-discalculia/>>. Acesso em 11 de abr. 2020.

RODRIGUES, M. Z.; SILVEIRA, L. Dislexia: distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no ensino fundamental. **Web Artigos**, 2008. Disponível em

<<https://www.webartigos.com/artigos/dislexia-disturbio-de-aprendizagem-da-leitura-e-escrita-no-ensino-fundamental/5551/>>. Acesso em: 22 de mai. 2020.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. N 25, Jan /Fev /Mar /Abr, 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em 25 de set. 2020.

SOUSA, M. S. G. S. **A relação família/escola: um estudo de caso na Escola Estadual de Ensino Fundamental Tiradentes**. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Especialização Fundamentos da Educação. Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014. Disponível em <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10021/1/PDF%20-%20Maria%20do%20Socorro%20Guedes%20Santos%20Sousa.pdf>>. Acesso em 24 de abr. 2020.

SOUZA, A. M. **DISGRAFIA: CAUSAS E ESTRATÉGIAS DE CORREÇÃO NO ENSINO/APRENDIZAGEM**. 2015. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras/Português, Universidade de Brasília, polo de Buritis – MG, 2015. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17172/1/2015_AniuzoMagalhaes_tcc.pdf>. Acesso em 22 de out. 2020.

TEIXEIRA, N. F. Metodologias de pesquisa em educação: possibilidades e adequações. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 2, p. 7-17, 2015. Disponível em <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/955/943>>. Acesso em 29 de set. 2020.

TENORIO, G.; PINHEIRO, C. O que é dislexia: causa, sintomas, diagnóstico e tratamento. **VEJA SAÚDE**. 2018. Disponível em <<https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-dislexia-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>>. Acesso em 08 de abr. 2020.

VILLELA, F. C. B. ARCHANGELO, A. **A escola significativa e a família do aluno**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

O presente questionário integra a pesquisa que estou realizando para o Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Pedagogia na UCS. Tem como intuito construir dados para o projeto de pesquisa “Dificuldade de aprendizagem – dislexia”. Agradeço pelo tempo e disponibilidade em colaborar, respondendo aos questionamentos e compartilhando sua experiência. Informo que os respondentes não serão identificados na análise dos resultados e que a finalidade da pesquisa é estritamente acadêmica.

Formação – em nível médio:

Graduação:

Pós-graduação:

Anos de experiência como docente:

Quanto tempo de atuação como alfabetizador(a)?

Atua com qual ano atua? 1º 2º 3º?

1 - Na sua experiência docente, já identificou alunos com dificuldades de aprendizagem? Se sim, quais dificuldades?

2 - Como você costuma agir quando percebe estudantes com dificuldades de aprendizagem?

3 - Já teve estudantes com dislexia na sua sala de aula?

4 - Se sim, precisou utilizar métodos de ensino/propostas de atividades diferenciadas para promover a aprendizagem? Quais?

5 - Como você identificou o estudante com dislexia?

6 - Caso já tenha tido alunos com dislexia, conte como era o comportamento dessas crianças na sala de aula:

7 - Você pode contar com uma rede de apoio na escola ou na família para estes casos de dislexia? Como você encaminhou estas situações?

8 - A escola possui sala de recursos para auxiliar no aprendizado?

9 - Há apoio para crianças com dificuldades de aprendizagem? Sim? Não? Quais apoios?

10 - Você teve dificuldades em relação ao processo de alfabetização no caso destes estudantes? Se sim, quais?

11 - Como procurou resolver e ajudar nestes casos? Explique.